

FOME

onde restar vida, haverá fome

TIBOR MORICZ

1ª EDIÇÃO - 2008
SÃO PAULO - BRASIL

TARJA
editorial

www.tarjalivros.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Fome / Tibor Moricz. - São Paulo :
Tarja Editorial, 2008.

ISBN 978-85-61541-05-7

1. Romance: Literatura brasileira - I. Moricz, Tibor.

CDD-869.93

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Romance : Literatura brasileira

869.93

EDITORES

Richard Diegues
Gianpaolo Celli

REVISÃO

Saint-Clair Stockler

PROJETO GRÁFICO

Verena Peres
Richard Diegues

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marcelo Tonidandel

Copyright © 2008 by Tarja Editorial mediante contrato com o autor.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, por quaisquer meios,
sem a autorização prévia, por escrito, da editora e do autor.

TARJA EDITORIAL LTDA.

Rua Hanna Abduch, 355 - CEP 02726-020 - São Paulo - SP
editora@tarjaeditorial.com.br - www.tarjaeditorial.com.br

A INTRODUÇÃO

Nas páginas seguintes, você terá a oportunidade de testemunhar a morte de, pelo menos, dois mitos. Um deles é a tradição bem-comportada da Ficção Científica brasileira, uma vez que o bom-mocismo desse gênero da literatura nacional raramente encontrou quem o desafiasse ao longo dos anos. Já nas linhas iniciais do primeiro dos quinze contos, Tibor Moricz trucidava tal padrão estabelecido ao ir muito além do que fez, por exemplo, lá no início da década de noventa, o pioneiro e decano André Carneiro em sua singular utopia sexual *Amorquia*.

O paulistano descendente de húngaros (mais especificamente, sobrinho-neto de um dos maiores escritores e dramaturgos daquele país, Zsigmond Móricz) criou nesta coletânea uma distopia nada ambígua. Se em seu romance de estréia, *Síndrome de Cérbero*, ele fez uso de um tema clássico da FC mundial – a viagem no tempo – para analisar a angustiada relação de um filho com o pai ausente, aqui o autor volta a trabalhar com um cenário bastante conhecido, o do futuro pós-apocalíptico, mas com resultados bem mais cruentos.

Em *Fome*, o Caos e o Abismo de Nietzsche abusam, torturam e canibalizam um segundo mito, o do Bom Selvagem de Rousseau. A civilização acabou, os governos não existem mais, as relações familiares e as religiões ou se extinguíram ou surgem apenas como caricaturas farsescas. O que move os poucos sobreviventes é a urgência em atender àquela necessidade física que dá nome à obra. A fome, em suas diferentes e variadas manifestações, é a protagonista onipresente.

“Não eram tempos para analogias”. Dessa maneira se define o mundo descrito a seguir, em um dos primeiros contos. Mais à frente, em outro texto, retoma-se o assunto. “Um tempo onde a comida não existia. Um tempo onde a água pura não existia. Onde a sobrevivência suplantava tudo. Mas um tempo, sobretudo, onde todos, sejam caça ou caçador, sabiam que a vida é uma questão de sonho e decepção”. É nesse tempo e nesse lugar que você está entrando agora, no espaço da Entropia. Não é bem o caso de dar as boas vindas, mas a verdade é que você está prestes a conhecer a distópica entropia de Tibor Moricz.

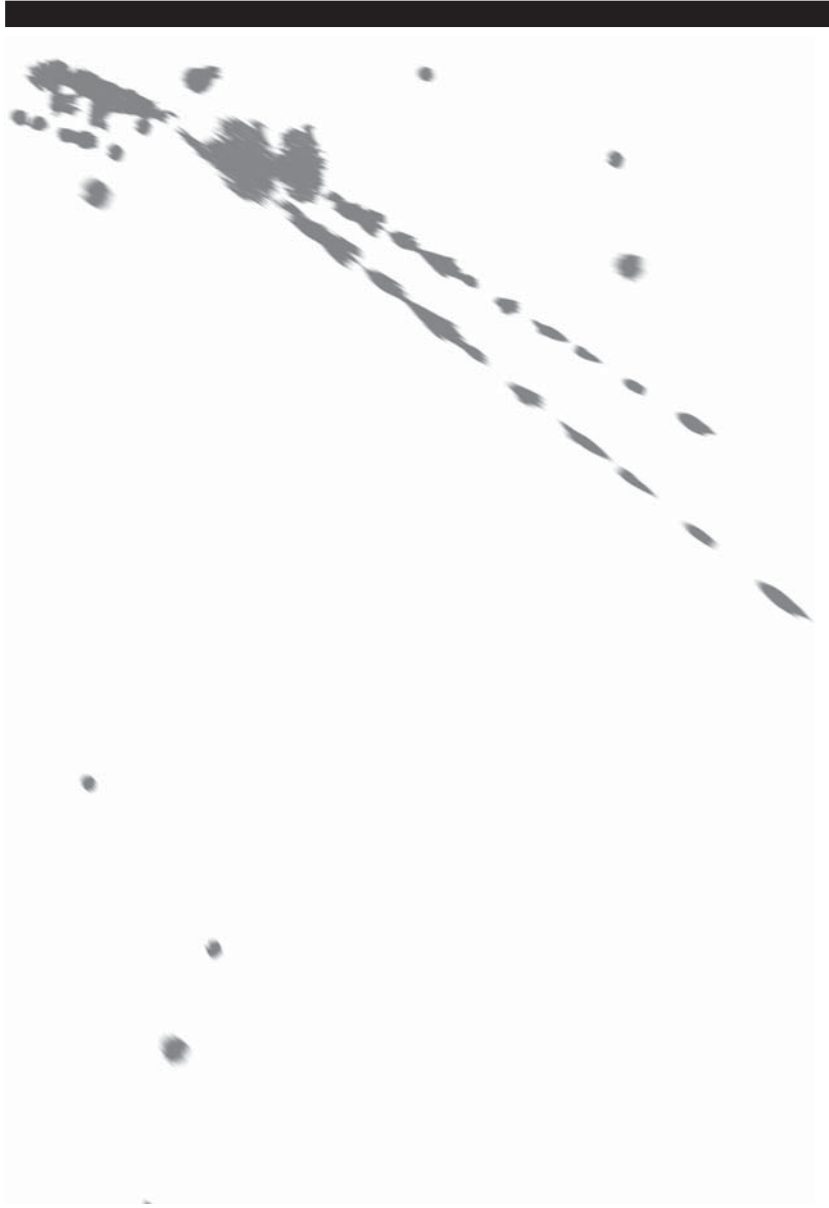
Vire a página por vontade própria.

Romeu Martins

O OBRIGADO

Fome é o segundo livro que publico, mas não o segundo a ter escrito. É uma experiência maravilhosa. Muitos dizem que venho numa evolução constante. Pode ser. Mas não é uma conquista que venha obtendo sozinho. Ao longo dos últimos anos muita gente tem me acompanhado, fazendo às vezes de leitores beta, apontando inconsistências, corrigindo pequenas e grandes falhas. Não vou nomear todos, porque são muitos. Mas renderei uma honraria justa a um deles. Aquele que foi mais atuante, permanente, e sempre muito franco: Saint-Clair Stockler. Ele vem me dando ótimas aulas de literatura prática. Sou-lhe grato por revisões, por copidesques e por comentários sempre pontuais. Também pela amizade, claro. Sem ela, nada disso teria valor.

Um obrigado aos editores da Tarja Editorial, Richard Diegues e Gianpaollo Celli, por serem rápidos no gatilho e acreditarem no livro *Fome*.



O SUMÁRIO

O CAÇADOR	5
O DEMENTE	17
O ERUDITO	23
O RENITENTE	31
O PERSEGUIDO	37
O PREGADOR	45
O OBSESSIVO	57
A SEDUTORA	65
O PRISIONEIRO	73
O INFECTO	79
O OBSERVADOR	85
O PRIMOGÊNITO	91
O CRÉDULO	101
A MATILHA	109
O MESSIAS	119



O CAÇADOR

Ajeitei a mira. Foquei o alvo e, depois de um breve suspiro, puxei o gatilho. A cabeça explodiu num emaranhado de massa encefálica, sangue, ossos e cabelos. O corpo cambaleou alguns metros até cair sobre o meio fio. Uma das pernas saltando em espasmos cada vez mais espaçados.

Me levantei, pendurei o rifle sobre o ombro e observei a desolação antes de caminhar até o freguês. Ruas cobertas por destroços, prédios arruinados. Vasculhei os bolsos do morto. Quase nada. Moedas inúteis... Um canivete. Puxei os sapatos, mas deixei as calças puídas e a camisa sem botões.

Cocei a barriga, soltei um arrote e deixei o defunto de lado. Nada havia nele que pudesse me interessar, fora o canivete. Talvez o quarto traseiro, mas ainda pretendia ir mais além. Avançar, vasculhar lá na frente. Arrastei-o pelas pernas até sob uma laje inclinada. Lá estaria meio escondido. Voltaria mais tarde e faria os cortes necessários.

As caçadas eram mais vantajosas no passado. Havia mais gente perambulando em busca de alimento. Alvos fáceis. Nos últimos meses houvera um declínio na população. Doenças por um lado, fome por outro.

Caminhei a esmo por algumas ruas. Prestando atenção a qualquer movimento. Sabia que era silenciosamente vigiado. Olhares atentos que me espreitavam das janelas. Gente acuada. Um tempo atrás ainda era possível roubar sem matar. Apontar a arma, ameaçar o freguês e carregar o butim sem maiores problemas. A escassez levava as pessoas a resistir. Não entregar seus valiosos bens sem luta. Assim, puxar o gatilho sem fazer perguntas se tornara o melhor jeito para trabalhar.

Contornei um monturo de escombros e sentei num pedaço grande de pedra. Tirei do bolso um pedaço de carne seca. Mastiguei com calma, engolindo cada naco sem tirar os olhos do perímetro. Busca constante de fregueses. Houve época em que abatê-los rendia bom sortimento de provisões, já que ninguém saía de casa sem elas. Não se arriscavam a abandoná-las, desprotegidas, à sanha de vizinhos mal intencionados. Hoje ninguém tinha mais nada, a não ser pedacinhos de carne.

Peguei o canivete recém adquirido e testei o fio. Até que estava bom. Daria para despelar um cão com relativa facilidade, se eles ainda existissem. Tateei minha faca, presa na cintura, e me levantei, esticando

as pernas preguiçosamente. Em tempo de ver um vulto passar correndo alguns metros à frente, contornando obstáculos, se ocultando sob as sombras. Sorri, sentindo a adrenalina jorrar. Empunhei o rifle e saí sorrateiro atrás do próximo freguês.

O sol estava inclemente. Nenhuma nuvem no céu. Dois urubus passaram em vôo ligeiro lá para os lados de onde atendera o meu último. Esses também lutavam pela sobrevivência. Uns limpando a sujeira dos outros.

Corri ágil por entre os escombros, sentindo no ar o cheiro de suor. Suor que não era meu. Marcas recentes no chão mostraram a direção que o freguês tomara. Pés pequenos. Olhei para além. Vislumbrei paredes e ruínas. O pó suspenso, sendo atirado para lá e para cá pela brisa. Apurei os sentidos, avancei cauteloso por alguns metros e finquei o dedo no gatilho. Quase um nada para fazer a arma disparar. Girei o corpo com leveza, saltei uma pilastra e enfiei as mãos num vão, agarrando cabelos. Puxei com força, colando o cano do rifle na cara do freguês.

Ou da freguesa, melhor dizendo.

Olhar enraivecido. Não demonstrava nem um pouquinho de dor, embora a sustentasse pelos longos cabelos. Rosto sujo, roupas em farrapos. Pés no chão. Apertei o rifle entre seus lábios, forçando-a a abri-los. Ela o fez. Os dentes despontaram. Muitos escurecidos, alguns em bom estado. Quantos anos? Não mais que dez ou onze. Mirrada e subnutrida.

Renitente naquele olhar desafiador.

Soltei o rifle e levei a mão livre até seus peitinhos. Senti as leves protuberâncias sob o tecido gasto. Apalpei mais abaixo. Nádegas magricelas, mas que me deram pensamentos sórdidos. Soltei um risinho sacana e fui arrastando a menina pelos cabelos por longos quarteirões. Era uma freguesinha jovem. Dar-lhe um tiro na cara nada me acrescentaria. Mas era companhia, ora se! Sabia que ia ter que amarrear a danada num lugar qualquer. Talvez até amordaçar. Ah, ia tentar fugir e fazer um barulho daqueles... Eu não deixaria.

Os olhares me acompanharam. Os mesmos que espreitavam das janelas, dos prédios destruídos. Um par de sapatos com cadarços amarrados, pendurados num ombro. Um rifle no outro. Um canivete num bolso, uma boa faca na cintura e uma menininha que me fazia estremecer de desejo bem presa por entre os cabelos. Ela enfiava os dedos, como garras, em minhas mãos. Tentava me ferir, me fazer soltá-la.

Mas o máximo que conseguia era me deixar ainda mais excitado. As perninhas trotavam atrás de mim, tentando acompanhar o ritmo acelerado. Os olhos marejavam, mas dos lábios não escapava nenhum som. Nenhum protesto.

Entrei na bocarra que se abria à minha frente. A guarita da garagem ainda mantinha um calendário que ostentava uma *pin-up* peituda, loira de olhos azuis. Carnes abundantes. Eu a deixara lá. Era uma espécie

de mensagem de boas vindas para todas as vezes que retornava das caçadas, com ou sem butim. O prédio acima estava demolido. Nenhum andar de sobra. Quatorze andares jaziam esparramados numa área de muitos e muitos metros quadrados. Montes de entulho. Atravessei o portal formado por uma ampla placa metálica, verifiquei as armadilhas para ver se não tivera visitas enquanto estava fora e então joguei a menina com força contra uma parede. Ela bateu num choque surdo, soltou um gemido e desabou. Os cabelos desgrenhados. Alguns tufo ainda bem presos entre meus dedos.

Esfreguei as mãos, me livrando dos cabelos, e vasculhei minha mochila. Peguei um naco de carne e o joguei na direção da menina. Ela olhou a carne, lambeu, mordeu e foi mastigando, olhos bem fixos em mim.

Era raro encontrar meninas assim. Raríssimo. Difícil também ver adultos, principalmente durante o dia. Eles escolhiam a noite para perambular. Buscavam a escuridão. Grupos esparsos, as matilhas, existiam aqui e ali. Vagueavam pela urbe e fora dela, se alimentando do que podiam achar. Grupos até organizados. Eu era um caçador solitário, evitava grupos e aglomerações. O que caçava era meu e não precisava dividir com mais ninguém.

Me agachei diante dela e voltei a tocá-la. Ela não esboçou nenhuma reação. Corri os dedos pelas ancas estreitas. Acaricieei as coxas magras. Tateei as costas que

exibiam as costelas de maneira impudente.

Eu a queria. E naquele momento.

Arranquei os trapos que a cobriam. Ela recuou o que pôde, espremendo-se contra a parede. Dois pequenos montículos se sobressaíam onde um dia ela – se continuasse viva – teria peitos. A vulva mostrava pequenos e sedosos pelinhos que iam cobrindo a região. Agarrei-a pelas pernas e a arrastei para o meio do esconderijo, sobre folhas de papelão. Virei-a para ver as nádegas. Brancas e exíguas. Espalmei-as. Apertei-as. Bati nelas. Avermelharam até parecer fogo.

Me levantei e tirei as calças. Desprendi a faca e a coloquei de lado, ao alcance da mão. Virei a menina mais uma vez. Abri suas pernas com força, me colocando entre elas. Agarrei seus cabelos e a fiz olhar para meu pau antes de penetrá-la.

— Você vai gostar, vaquinha. Pode crer que vai.

Me deitei sobre aquele corpo miúdo. Me infiltrei para dentro dela, fazendo-a, pela primeira vez, soltar a voz. O grito foi agudo. As pernas começaram a chutar, os braços a sacudir, desferindo socos nas minhas costas. A boca, nervosa, tentava me morder o rosto. Num golpe seco completei a penetração. Ela urrou, arregalando os olhos. As pernas pararam de se mover e os braços tombaram, inertes. Ela passou a me observar sem emoção enquanto eu ia e vinha.

Maravilha das maravilhas. Uma putinha para me satisfazer os desejos. Um objeto de prazer à disposição dia e noite. Uma jovem freguesa. A mais ten-

ra, a mais atraente, a mais sedutora, a mais gostosinha. Freguesa para muitos e muitos atendimentos.

— Minha freguesinha deliciosa – sussurrei em seu ouvido, enquanto me preparava para explodir.

Momentos de êxtase. O mundo era perfeito. Destruído, arrasado. Vida animal quase extinta. E raras gazelinhas correndo por entre escombros, exibindo graciosidade à sanha de caçadores implacáveis. Doze, onze, dez anos. Tanto fazia. Carne é carne. Prazer é prazer.

Dei uma estocada final. Profunda. Ergui o olhar para o teto, respirei fundo e gemi, enquanto uma faca era enterrada nas minhas costas. Abaixei o rosto. Ela estava lá: sorrindo. Ambas as mãos apoiadas em meu peito, me empurrando. As pernas flexionadas, joelhos colados em meus quadris. Eu ainda túrgido dentro dela. Com um movimento me fez tombar de lado, arrastando-a comigo. Se livrou do meu aperto, desvencilhou a jovem vulva do meu pau e se ergueu lentamente. Ao seu lado surgiram várias outras crianças, meninos e meninas. Um deles com meu rifle nas mãos. Outro com uma faca ensangüentada. Outro com o canivete. Outra arrastava minha mochila para fora do esconderijo. Outros vasculhavam o lugar atrás de aproveitáveis. Um grupo considerável olhava para mim e os olhares não escondiam desejos.

Tossi, lambi os lábios e sorri para a putinha que estava ao lado. Corpinho magro e que estivera sob o meu há tão pouco.

— A freguesia vai querer o quê? – perguntei num suspiro, soltando uma golfada de sangue. A resposta veio num instante: um tiro à queima-roupa. Meu crânio explodindo em milhares de fragmentos ensangüentados.

Lançaram-se sobre mim. Unhas e dentes buscando pedaços para matar a fome.

Conheça outros lançamentos da nossa coleção de pockets:



Fábulas do Tempo e da Eternidade
Cristina Lasaitis

Doze contos de ficção científica e fantasia sobre a perpétua busca do ser humano em superar o tempo, dissecando o sentido da existência em histórias sobre extrapolação, transcendência e esperança.



Kara & Kmam
Nazarethe Fonseca

Um casal de vampiros em uma grande rede de intriga, perigo e poder. Sua existência é regada a doses vertiginosas de romance e sedução, do tipo que somente as criaturas da noite são capazes de criar.



De Roswell a Varginha
Renato A. Azevedo

Fatos vêm sendo resguardados do mundo há mais de meio século. Acobertados por uma política de informações confidenciais, documentos conectam dois casos que provam contatos com extraterrestres.

Nas melhores livrarias ou pelo site
www.tarjalivros.com.br

TARJA
editorial

www.tarjaeditorial.com.br